

O ESG ALÉM DOS FUNDOS DE INVESTIMENTOS: UMA FERRAMENTA DE PERFORMANCE E GESTÃO DE RISCOS EM NEGÓCIOS

Romulo Soares Pedrosa Neto¹

Orientador: Reinaldo Aparecido Domingos²

Coorientadora: Aline Alves Andrade de Aquino³

RESUMO: Utilizar os recursos naturais e promover desenvolvimento econômico de forma sustentável é um desejo antigo da humanidade. Ao longo do tempo, houve um esforço para criar e promover instrumentos que pudessem materializar esse desejo, desde o Relatório Brundtland até os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável – ODS. Questões como mudança climática e gases do efeito estufa tornaram-se desafios globais na luta pela sustentabilidade e o movimento ESG (Environmental, Social and Governance) surge demandando de empresas, investidores, bancos e governos o cumprimento de acordos outrora estabelecidos. A proposta desta pesquisa apresentou o ESG (Environmental, Social and Governance) além de um fundo de investimento, mas como uma ferramenta importante para a gestão de riscos e melhoria da performance financeira e organizacional, minimizando impactos socioambientais o que pode tornar a empresa mais atrativa para os investidores. E, finalmente, o ESG (Environmental, Social and Governance) enquanto ferramenta de gestão de riscos e a materialidade dos efeitos de suas ações empodera os investidores e sociedade quanto à escolha de fundos e serviços focados nos resultados ambiental, social e corporativo sustentáveis.

Palavras-chave:

THE ESG BEYOND INVESTMENT FUNDS: A TOOL OF PERFORMANCE AND RISK MANAGEMENT IN BUSINESS

ABSTRACT: Using natural resources and promoting economic development in a sustainable way is an ancient desire of humanity. Over time, there was an effort to create and promote instruments that could materialize this desire, from the Brundtland Report to the Sustainable Development Goals – SGO. Issues such as climate change and greenhouse gases become global challenges in the fight for sustainability and the ESG (Environmental, Social and Governance) movement emerges demanding that companies, investors, banks and governments comply with previously established agreements. The proposal of this research presented ESG (Environmental, Social and Governance) in addition to an investment fund, but as an important tool for risk management and improvement of financial and organizational performance, minimizing social and environmental impacts, which can make the company more attractive to investors. And finally, ESG (Environmental, Social and Governance) as a risk management tool and the materiality of the effects of its actions empower investors and society in choosing funds and services focused on sustainable environmental, social and corporate results.

Keywords: ESG Investment Funds. Risk Management. Sustainability.

Tecnólogo em Meio Ambiente pelo CEFET-PI e Pós-graduando em Gestão de Investimento e Educação Financeira pela Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE). E-mail: rspedrosant@yahoo.com.br

² Orientador: PhD. em Educação Financeira pela *Florida Christian University* (FCU), escritor, educador e terapeuta financeiro. Presidente da DSOP Educação Financeira, Editora DSOP e da Associação Brasileira de Educação Financeira (Abefin). E-mail: reinaldo.domingos@dsop.com.br

³ Coorientadora: Bacharela em Administração de Empresas pela Faculdade de São Paulo; Pós-graduada em Finanças Empresariais pela *United Business School* (UBS); Pós-graduada em Market Intelligence pela *Saint Paul* Escola de Negócios com MBA em Empreendedorismo e Gestão de Negócios pelo Centro Universitário do Sul de Minas Gerais (UNIS). E-mail: aline.aquino@dsop.com.br

1. INTRODUÇÃO

A ideia de um mundo melhor para todas as gerações sem prejudicar o meio ambiente é um objetivo social desejado, o que faz com que ela seja popular no mundo todo (BARBIERI e CAJAZEIRA, 2016, pag. 52). Sabe-se que as preocupações com os impactos socioambientais das atividades empresariais não são recentes, como explicam Jorge e Pavan (2014), porém o debate apenas começou a tomar uma nova perspectiva nos últimos anos com a inauguração de vários instrumentos promotores do tema sustentabilidade.

Então, em 1987, de acordo com CMMAD (1991) *apud* Moreira (2020), com a publicação do relatório “Nosso Futuro Comum”, da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, também conhecida como Comissão Brundtland, surge o conceito de desenvolvimento sustentável. Assim, a definição passou a ser entendida como o processo de “Atender às necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as gerações futuras atenderem suas necessidades”.

Assim, no decorrer do tempo houve um esforço geral para ascensão de mecanismos relacionados ao desenvolvimento sustentável: lançamento da Agenda 21; Declaração sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, assinada no Rio de Janeiro em 1992; A Carta da Terra que trata de princípios ecológicos, econômicos, sociais e de fortalecimento da democracia. E o que era analisado de forma pontual e isolada passa a ser atendido de maneira integrada dos eixos ambiental, econômico e social.

Willard (2014) e Pinsky e Dias (2014), trazem um discurso severo ao afirmar que o modelo econômico atual é insustentável e ameaça a existência da espécie humana. Além disso, os riscos e impactos das mudanças climáticas e a urgente necessidade de alcançar índices de baixo carbono acarretam desafios globais em relação ao desenvolvimento sustentável.

No ano 2000, nasce o Pacto Global. Conforme Barbieri e Cajazeira (2016) esta foi uma iniciativa de Kofi Annan, na época secretário-geral da ONU. Esse documento tinha como objetivo reforçar os princípios relacionados aos direitos humanos, do trabalho e aspectos ambientais praticados pelas organizações. E, neste mesmo ano, em setembro, foi aprovada pela ONU em conjunto com 191 países, incluindo o Brasil, a Declaração do Milênio com registro dos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio, cuja ideia principal estava em reforçar o compromisso das nações com o desenvolvimento sustentável.

E, de acordo com Barbieri e Cajazeira (2016), mais recentemente, em 2014, também por iniciativa da ONU foram apresentados os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável,



Fonte:

<https://1.bp.blogspot.com>

considerando o tema como uma agenda integrada para alcançar resultados nas dimensões sociais, ambientais e econômicas.

Larry Fink, por sua vez, em janeiro de 2020, em sua Carta aos CEOs, trouxe um alerta para que todos os governos, empresas e acionistas devam

apresentassem suas agendas e planos para enfrentamento da crise climática:

Nos próximos anos, uma das questões mais importantes que enfrentaremos é a escala e o alcance da ação governamental sobre as mudanças climáticas, que definirá, a grosso modo, a velocidade com que nos moveremos para uma economia de baixa emissão de carbono. Este desafio não pode ser resolvido sem uma resposta internacional coordenada entre os governos, em conformidade com os objetivos do Acordo de Paris.

A carta de Fink teve impacto no mercado mundial provocando uma onda avassaladora do movimento ESG, com efeitos no Brasil, inclusive.

Portanto, em razão da grande demanda por fundos ESG pelos investidores e, por se tratar de um tema recente no País e com promessa de se tornar o viés comportamental de empresas e investidores no futuro, propõe-se a presente pesquisa com o objetivo de analisar o movimento ESG além da proposta de fundos de investimentos, mas como uma ferramenta de melhoria de resultados e gestão de riscos de negócios.

2.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho, exploratório e qualitativo, foi fundamentado em pesquisa bibliográfica, por meio de leitura e análise de livros, revistas e artigos científicos relacionados ao tema ciências ambientais, desenvolvimento sustentável, fundos de investimentos sustentáveis, gestão de riscos e ESG.

A pesquisa bibliográfica, é apontada por Macedo (1994, apud Santo e Silva, 2017), como sendo a busca de informações bibliográficas, seleção de artigos e documentos que se relacionam com o tema de uma dada pesquisa.

Lakatos e Marconi (2003, p. 183) também corroboram com o argumento:

“A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. (LAKATOS e MARCONI, 2003, p. 183)”

Assim, buscou-se identificar os conceitos, origens e definições relacionadas ao tema pautado no ESG e investimentos sustentáveis, bem como critérios e tendências que pudessem contribuir para o presente estudo e auxiliar no processo de decisão por parte do investidor.

4. CONCEITOS E IMPORTÂNCIA DO ESG

A sigla ESG surgiu pela primeira vez em 2005 no relatório "*Who Cares Wins*", em português "Ganha quem se importa" ou "Quem ganha cuida". O documento foi fruto de uma ação conduzida pela Organização das Nações Unidas e na prática o entendimento é simples: aqueles que têm lucrado vão ter que investir para minimizar o impacto de suas atividades.

De acordo com Andrade e Simões (2021), em artigo publicado no blog o E-Investidor, o ESG é a sigla para as boas práticas ambientais, sociais e de governança com a possibilidade de oportunidade de investimentos em empresas que tenham comprometimento em diminuir impactos negativos decorrentes dos negócios no meio ambiente e na sociedade.

O acrônimo ESG vem do inglês *Environmental, Social and Governance* e, no Brasil também é conhecido como ASG – Ambiental, Social e Governança. Três pilares a serem, clinicamente, observados nas empresas daqui por diante:

ENVIRONMENTAL	SOCIAL	GOVERNANCE
Referente ao impacto ambiental da empresa, considerando eficiência energética, uso de recursos naturais, descarte do lixo, emissão de gases de efeito estufa que contribuam para a crise climática, ações em prol da biodiversidade.	Tudo que diz respeito a funcionários, fornecedores, clientes, comunidades e sociedade, incluindo segurança e diversidade no trabalho, relacionamento com as comunidades que vivem nas áreas em que a empresa tem operações, trato e apoio a fornecedores.	São as políticas e práticas que regulam o modo como uma companhia é dirigida. Incluem questões diversas do conselho e direção executiva, como diversidade de remuneração, ética e combate à corrupção, metodologia de contabilidade, controles, alocação de capital.

Fonte: Silva e Gomes (2020)

As empresas buscam entrar na pauta ESG pelas seguintes vantagens: atração de investimentos, dado o contexto em que as questões socioambientais se tornam cada vez mais imprescindíveis no mercado; redução de riscos para o investidor e aumento da rentabilidade de seus negócios através da melhoria da performance financeira e valorização da marca.

Para Silva e Gomes (2020), ESG é uma filosofia que busca infiltrar critérios ambientais, sociais e governança corporativa em avaliações e decisões de negócios.

No entanto, quando se discute sobre investimentos há que se ter clareza da diferença entre critérios ESG e Fundos de Investimentos ESG. O ESG pode ser considerada uma ferramenta para medir e monitorar a qualidade dos aspectos ambientais de uma companhia e, consequentemente, promover a redução de riscos (ALPEROWITCH, 2021). Em contrapartida, os fundos de investimentos ESG, conforme Rodrigo Caetano em matéria para o site Invest.Exame, são aplicações financeiras focadas em empresas com boas práticas socioambientais e de governança corporativa e já registram a marca de 1 trilhão de dólares em patrimônio, no mundo.

Conforme o artigo publicado pela Fundação Instituto de Administração (FIA), os fundos ESG são considerados ETF (*Exchange Traded Fund*), pois utilizam índices de bolsas de valores como referência. No Brasil, os apontadores ESG são estabelecidos pela B3 (Brasil, Bolsa Balcão), e os principais são:

- **Índice Carbono Eficiente (ICO2)**: consta da lista de empresas que se comprometem a diminuir a emissão de CO₂ na atmosfera sendo parte integrante da meta 13 dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável;

- **Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE)**: diz respeito à adoção de práticas sustentáveis pelas empresas e compara a performance empresarial em 07 dimensões – econômico-financeira, geral, ambiental, governança corporativa, social, mudança do clima e natureza do produto.

- **Índice de Governança Corporativa (IGCT)**: avalia as ações e boas práticas na área da governança, considerando a conduta, princípios éticos e transparência na relação com funcionários, clientes e investidores.

Segundo dados da FIA, ao fazer menção ao *Exame Research*, entre julho de 2019 e julho de 2020, os fundos ESG se expandiram 26% no Brasil e Silva e Gomes (2020), por sua vez, informam que no Brasil os fundos ESG atingiram a casa do bilhão de reais, onde, conforme a Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima), pelo menos, 20 fundos somam R\$ 1 bilhão. Esse montante dobrou em um ano e meio.

Essa tendência de comportamento em torno do movimento ESG é perceptível em consultas através do *Google Trends*. No Brasil, entre 28 de fevereiro e 06 de março de 2021, o

tema ESG chega ao topo dos *trends* (**Gráfico 01**), o que demonstra o interesse ou, pelo menos, curiosidade sobre a proposta quando comparada aos anos anteriores.

Gráfico 01: Resultado de buscas pelo termo ESG no Brasil entre 03/09/2018 a 03/10/2021



Origem de dados: Google Trends (www.google.com/trends)

Segundo Alves (2019, pag. 151), é um grande desafio incluir a temática da sustentabilidade ambiental nas atividades das empresas. Mas, o autor também entende que é necessário investimentos em estudos que avaliem os impactos e tragam soluções para suas ações e produtos, considerando a origem e destinação final ambientalmente adequada.

Essas despesas com investimentos podem ser consideradas, em alguma linha de raciocínio, uma das desvantagens do ESG para as empresas, pois haverá custos com inovação, tecnologias, além de investir e incrementar a mão-de-obra especializada visando cumprir com as exigências da pauta ESG.

Para Alperowitch (2021), O ESG é um enorme filtro de qualidade. As empresas que estão contemplando os *stakeholders* em seus processos decisórios, terão menos demanda de funcionários e, por conseguinte, estabelecerão uma relação mais saudável na cadeia de valor.

Alves (2019, p. 23), destaca que as questões ambientais são complexas e podem ser analisadas por diferentes perspectivas uma vez que estão relacionadas à produção das empresas e ao comportamento do consumidor e ações dos governos. E, muitas empresas e gestoras de investimentos, não por ideais ou valores, tem ofertados fundos ESG mais por uma intenção de *marketing* verde para atrair novos investidores para seus nichos.

Para Donaire (2009) apud Alves (2019, p. 154), a responsabilidade das empresas se apresenta nas formas de ações de proteção ambiental, projetos educacionais, filantropia, equidade nas oportunidades de emprego e serviços sociais em geral, ou seja, lucrando e cumprindo simultaneamente, conforme Barbieri e Cajazeira (2016, p. 45), as suas obrigações e responsabilidades econômicas, legais, éticas e sociais.

É óbvio que não se trata de obter lucro a qualquer custo, pois Barbieri e Cajazeira (2016, p. 59) apontam para as deficiências ligadas ao lucro convencional onde os custos socioambientais não são registrados pela contabilidade comum e obviamente os prejuízos dessa falha serão socializados de forma sistêmica.

Então, antes de imitar em fundos de investimentos ESG não basta apenas entender o prospecto da empresa ou liquidez da ação, mas é preciso conhecer a gestora dos fundos, os riscos que estão embutidos em cada companhia, não apenas os riscos financeiros, mas, também, os sociais e ambientais de suas atividades.

5. RISCO: A PALAVRA DE ORDEM EM ESG

Segundo Alves (2019, p. 164), os investidores consideram cada vez mais dados ambientais, sociais e de governança antes de decidir colocar dinheiro em uma empresa. Assim, as empresas que aspiram serem conhecidas como ESG buscam a diminuição dos riscos e do custo capital, conseqüentemente, atenuando a possibilidade de recebimento de multas, embargos e outras sanções administrativas em decorrência de não conformidades legais.

Uma estratégia de sustentabilidade no contexto corporativo deve considerar os *stakeholders* e, assim, há uma busca pela melhora no desempenho dos aspectos Ambientais, Sociais e de Governança (ASG) ao mesmo tempo em se que aumenta o valor para o acionista (ECCLES; SERAFEIM, 2013 *apud* MOREIRA, 2020).

Silva e Gomes (2020), inserem o “risco” como uma das palavras-chave para o ESG, citando o investidor em *cleantechs* Carlos de Mathias Martins: “ESG é uma ferramenta para analisar o risco de destruição de uma empresa”.

É perceptível que o ESG está intimamente ligado à gestão dos riscos que acompanham cada atividade, tais como: financeiro, de imagem, ambiental, social, trabalhista, tecnológicos, de cumprimento legal, operacionais entre outros. Portanto, quanto menor o risco, mais atrativa poderá ser uma atividade e, por conseguinte, os respectivos fundos de investimentos associados.

Para Alves (2019, p. 164), a tomada de decisão quanto a alocação de recursos por parte dos investidores tem como fator de impedimento a falta de um padrão das informações, onde, na maioria das vezes, o investidor avalia fatores ambientais e sociais advindos de uma base informal.

Para Andrade e Simões (2021) existe uma variação de critérios para se definir se determinada companhia se enquadra nos conceitos e princípios ESG:

6. Cada casa ou gestora pode construir os próprios ‘filtros’ para selecionar as empresas que têm o comprometimento com a sustentabilidade nas três frentes da sigla. Nesse sentido, há instituições que excluem automaticamente das carteiras toda indústria poluente, cujas atividades são ligadas à exploração de carvão, petróleo ou gás, assim como ao segmento do tabaco e de produção de armas.

Portanto, segundo Alves (2019, p. 165) quando se trata de dados e informações financeiras há que se ter um padrão que oriente a tomada de decisão. Para os fatores sociais, muitas vezes não há informações com dados quantitativos que permitam uma análise mais racional.

Alves (2019, p. 155 e 156), entende que as empresas que não ponderarem a variável “meio ambiente” como estratégia para seus negócios ou que utilizem apenas para iludir o consumidor, não podem ser consideradas empresas verdes e para muitos consumidores a sustentabilidade veiculada em propagandas pelas empresas ainda não está clara:

Muitos consumidores podem se sentir confusos quando expostos a propagandas de produtos verdes, pois têm dificuldade em separar aqueles que realmente internalizam a variável ambiental em sua produção, comercialização e descarte, daqueles que apenas utilizam o termo como mais um artifício de marketing.

Desta forma, pode-se entender que o poder de decisão do consumidor, quanto mais bem informado, também é capaz de afetar as relações de mercado, promovendo mudanças na forma de uso e exploração dos recursos disponíveis.

7. BUSINESS CASES COM REPERCUSSÕES NEGATIVAS

No ano de 1998, a NIKE teve perdas financeiras surpreendentes. De acordo com Barbieri e Cajazeira (2016), as ações da empresa despencaram na Bolsa de Valores de Nova York de US\$ 76,00 para US\$ 42,00 por ação em decorrência de denúncias que a acusavam de pagar salários desumanos na Indonésia, oferecer péssimas condições de trabalho no Vietnã e

utilizar mão-de-obra escrava na China. A primeira reação da empresa foi esquivar-se pois tratava-se de serviço terceirizado.

No Brasil, em 2019, a Vale amargou prejuízo líquido acumulado na ordem de R\$ 264 milhões em razão do desastre em Brumadinho, segundo Mariana Durão em artigo publicado no portal Terra¹. Além dos prejuízos financeiros, restaram danos ambientais a reparar, uma multa aplicada pelo Ibama no valor R\$ 250 milhões, processos judiciais e o número trágico de 270 mortos e 19 desaparecidos. Era uma tragédia que poderia ter sido evitada, pois, conforme matéria no site Epocanegocios², um laudo de consultoria independente relativizava os riscos na barragem.

Em 2021, a cervejaria Heineken é multada em R\$ 83.000,00 e embargada por atividade que ameaçou o sítio arqueológico onde foi encontrado o crânio de Luzia, o mais antigo fóssil da América do Sul. A ação foi paralisada pelo ICMBio. A obra foi licenciada pelo órgão estadual de Minas Gerais e segundo informações no portal UOL³ o estudo ambiental apresentado não contemplava informações suficientes.

8. BENCHMARK: BOAS PRÁTICAS E BUSCAS POR MUDANÇAS

Em relação ao ESG um dos balizadores são os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável – ODS. Assim, as empresas podem desenvolver suas estratégias orientadas para o alcance dos objetivos ODS escolhidos para serem trabalhados dentro de um plano estabelecido.

Aqui são relatados alguns casos para ilustração didática e não configura indicação para investimentos.

Segundo Silva (2020), a Microsoft tem em seu quadro, desde 2018, um executivo-chefe ambiental. Estrategicamente, a empresa lança o programa *AI for Earth* para enfrentamento dos problemas e desafios ambientais, que também deu início ao programa *AI for Good*, o qual disponibiliza financiamento, tecnologia e formação para ativistas nas frentes: ambiental, auxílio humanitário, acessibilidade para portadores de deficiências, proteção do patrimônio cultural da humanidade e melhoria de condições de saúde das pessoas e comunidades.

No Brasil, um dos parceiros da Microsoft é a Fundação SOS Mata Atlântica, com aplicação de tecnologia para coleta de dados referente à qualidade da água no projeto “Observando os Rios”.

Dentre os objetivos ODS adotados pela Microsoft, Silva (2020) aponta que os ODS 2, 6, 13 e 15 são o que mais tem recebido atenção pela organização, além de estabelecer metas ambiciosas como redução das emissões de carbono até 2030 e remover do meio ambiente todo o carbono até o ano de 2050 que emitiu desde o ano de sua criação em 1975.

No Brasil, também, podemos citar o Instituto Ecofuturo que, de acordo com Barbieri e Cajazeira (2016, p. 15), trata-se de uma organização mantida pela Suzano Papel e Celulose, sendo um exemplo de boa aplicação de recursos em ações de responsabilidade social. Todo o dinheiro apostado é aprovado pelo Conselho de Administração com representação dos acionistas minoritários.

Segundo Barbieri e Cajazeira (2016), o Instituto Ecofuturo implantou centenas de bibliotecas comunitárias em vários municípios brasileiros, visando contribuir com a melhoria da educação no País. Além de promover a regeneração de mata nativas em áreas da empresa para cultivo de eucalipto utilizados na produção de celulose, criando o Parque das Neblinas.

Segundo Marques (2021), conforme artigo escrito para o App.Startse, a Ambev anunciou que planeja ter 100% de suas embalagens produzidas com material reciclado ou retornáveis até 2025. Para tanto, investiu em startup especializada no tema com objetivo de alcançar metas de sustentabilidade e reduzir a poluição por plásticos.

¹ Após prejuízos com Brumadinho, Vale tem lucro de R\$ 6,5 bilhões no 3º trimestre (terra.com.br)

² <https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2019/11/negligencia-causou-tragedia-de-brumadinho-diz-escritor.html>

³ <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/reporter-brasil/2021/09/21/sitio-arqueologico-fabrica-heineken-mg-embar>

tradicional.

A preocupação com as questões ambientais também invade o mundo das criptomoedas. É sabido que a mineração virtual demanda muito consumo de energia elétrica. De acordo com Freitas (2021), em artigo publicado para o App.Startse, há uma questão urgente para as criptomoedas, pois quanto mais valorizam mais consomem energia. É uma reação em cadeia pois com a complexidade da gestão da *blockchain* aumenta o poder computacional investido e o consumo de energia.

No passado, conforme Freitas (2021) era possível minerar Bitcoin pelo aparelho celular. No entanto, hoje são necessárias mega fazendas de computadores localizadas próximas a zonas de energia. Isso fez com que Elon Musk recuasse e a Tesla deixou de aceitar pagamento em criptomoeda.

Assim, de acordo com Freitas (2021), buscando mudanças o Bitcoin passa em 2021 a ser negociado como ETF o que permite o investimento em criptomoedas através de cotas negociadas na bolsa de valores, tendo como diferencial a compensação da pegada de carbono emitida nos processos.

9. ESG ALÉM DO CUMPRIMENTO LEGAL

Segundo Alperowitch (2021) as empresas precisam cada vez mais tirar a parte ambiental da área de conformidade e entender que a questão ambiental é uma área relevante, não só do ponto de vista de risco, mas também de oportunidades de inovação e abertura de negócios.

Para Willard (2014), à medida que as empresas progridem da insustentabilidade para a sustentabilidade passam a posicionar-se no modelo “emprestar, usar e devolver” e transitam por cinco estágios:

ESTAGIOS DA SUSTENTABILIDADE	DESCRITORES
1. Pré-cumprimento legal	- Desconsidera regulamentos ambientais, sanitários e de segurança
2. Cumprimento legal	- Evita multas, processos judiciais, marketing negativo
3. Além do cumprimento legal	- Evita crise reputacional; reduz custos por meio de iniciativas ecoeficientes e evita a riscos de novas regulamentações
4. Estratégia integrada	- Aumenta o valor / prosperidade da empresa
5. Propósito/Paixão	- Alinhamento dos valores do fundador - Contribuir para um mundo melhor

Fonte: Willard (2014) – adaptação do autor

A empresa que atinge esse nível de maturidade para além das obrigações legais é capaz de agregar valor à sua marca e incorpora a sustentabilidade em seu processo decisório. É um exemplo que será repetido em todas as equipes da organização, impactando *stakeholders* internos e externos e os resultados fluirão de forma voluntária e espontânea, sem pressão pela conformidade decorrente das obrigações de condicionantes, normativas ou regulamentos externos.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento ESG não é mais uma moda como muitos especulam e seus indicadores não são medidos binariamente. O ESG transcende da sustentabilidade para oportunidades de negócios e investimentos. A integralização entre a sustentabilidade ambiental e a performance dos negócios já é uma realidade global.

E, nessa jornada de maturidade, responsabilidade e governança corporativa “ganha quem se importa” com a gestão de riscos dos impactos resultantes da produção empresarial e, no presente estudo, fica claro que uma companhia ESG não é aquela que apenas cumpre leis e normas ou apresenta licenças e certificações. De fato, realiza além do dever ordinário. Empreende positivamente com impacto social e ambiental através de ações que perduram no médio e longo prazo, trazendo à luz a materialidade de seus resultados de modo que possibilite poder de decisão aos gestores e investidores.

11.

12. REFERÊNCIAS

A carta de Larry Fink aos CEOs. Disponível em <https://www.blackrock.com/br/larry-fink-ceo-letter>. Acesso em 12/10/2021

ALPEROWITCH, F. **Entendendo o ESG**. Finclass.com, 2021. Disponível em <https://content.finclass.com/ebooks/Finclass7.pdf>. Acesso em 21/09/2021.

ALVES, R.R. **Sustentabilidade empresarial e mercado verde**: a transformação do mundo em que vivemos. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

ANDRADE, JENNE; SIMÕES, LUIZ FELIPE. Práticas de ESG ganham relevância nas empresas brasileiras, revela estudo. Disponível em: <https://investidor.estadao.com.br/comportamento/praticas-de-esg-ganham-relevancia-nas-em-presas-brasileiras>. acesso em 06/10/2021.

BARBIERI, J.C.; CAJAZEIRA, J.E.R. **Responsabilidade social empresarial e empresa sustentável**: da teoria à prática. 3. Ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

BARBOSA, C.; LOPES, S. **Sustentabilidade**: gestão estratégica na prática. Rio de Janeiro: Brasport, 2018.

CAETANO, R. Novo fundo ESG utiliza taxa de administração para neutralizar carbono. Disponível em <https://invest.exame.com/esg/novo-fundo-esg-utiliza-taxa-de-administracao-para-neutralizar-carbono>. acesso em 12/10/2021.

FIA. **ESG: Guia completo sobre o fundo de investimento**. Disponível em <https://fia.com.br/blog/esg/> acesso em 12/10/2021.

FREITAS, Tainá. **ESG e Bitcoin**: fundo neutraliza carbono do ativo. Disponível em <https://app.startse.com/artigos/bitcoin-esg-investimento-sustentabilidade>. Acesso em 12/10/2021.

Google Trends (www.google.com/trends)

JORGE, F.G. de A; PAVAN, K.R. Um retrato de sustentabilidade no setor financeiro brasileiro. *In: Gestão Estratégica da Sustentabilidade: experiências brasileiras*. Org: Isak Kruglianskas, Vanessa Cuzziol Pinsky. 1 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

LAKATOS, E. M. ; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

MARQUES, Vitor. **ESG: Ambev investe em embalagens sustentáveis**. Disponível em <https://app.startse.com/artigos/esg-ambev-investe-em-embalagens-reciclavéis>. Acesso em 12/10/2021

MOREIRA, A.B. **Incorporação de aspectos ASG na análise de investimentos: um estudo de casos múltiplos**. Dissertação (mestrado profissional MPGC) – Fundação Getulio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10438/29151>, acesso em 04/04/2021.

PINSKY, V.C; DIAS, J.L. Sustentabilidade e inovação em bens de consumo. *In: Gestão Estratégica da Sustentabilidade: experiências brasileiras*. Org: Isak Kruglianskas, Vanessa Cuzziol Pinsky. 1 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

SANTOS, E. H. dos; SILVA, M. A. da. **Sustentabilidade Empresarial: Um Novo Modelo De Negócio**. Revista Ciência Contemporânea jun./dez. 2017, v.2, n.1, p. 75 – 94, Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/guaratingueta/revista.php?id_revista=31. Acesso em: 20.JUL.2020

SILVA, Sandra Regina da; GOMES, Adriana Salles. Sustentabilidade e o efeito bola de neve. **Revista HSM Management**, nº 143, p. 36-43, nov/dez. 2020.

SILVA, Sandra Regina da. Benchmarks para inspirar. **Revista HSM Management**, nº 143, p. 49-57, nov/dez. 2020.

WILLARD, B. **Como fazer a empresa lucrar com sustentabilidade**. Trad. Cristina Yamagami. 1ª ed. São Paulo: Saraiva, 2014. 195 p.